

---

## NO CALOR DO DEBATE: A MATERNIDADE EM PERSPECTIVA

---

DENYSE BAILLARGEON\*

Université de Québec à Montréal (UQAM)

---

**O** objetivo deste artigo é traçar um panorama da pesquisa histórica sobre a maternidade no Québec, observando os possíveis pontos de semelhança ou de originalidade em relação aos trabalhos publicados no Canadá inglês e nos Estados Unidos e também, de certa forma, na França e na Inglaterra.

Uma tal comparação poderia inserir-se, em muitos aspectos, no campo da história das mulheres e a escolha da maternidade parece-me, assim, das mais pertinentes, pois desde o fim dos anos 1970 as historiadoras tem-lhe concedido um lugar preponderante em suas análises. Tendo em vista esta importância crescente, a maternidade permite, portanto, mais que outros temas, apontar para a originalidade da pesquisa feminista fracófona na América, refletindo ao mesmo tempo seu passado peculiar e igualmente a maneira como as historiadoras o questionam.

Desde já é preciso lembrar que em seu início, a história das mulheres no Québec, como em outros lugares, fez uma maior ou menor abstração da maternidade para se concentrar no estudo da contribuição das mulheres nas atividades relativas à esfera pública. Tratava-se, então, de

---

\* Denyse Baillargeon é doutora em História e professora titular do Departamento de História da Université de Montréal, Québec. Especialista em história das mulheres e da família no Québec, é autora de vários artigos e de um livro intitulado *Ménagères au temps de la crise (remue-ménage: 1991 et 1993)* que se debruça sobre a contribuição das mulheres à sobrevivência das famílias operárias durante a crise dos anos 1930. Anima um seminário de Estudos Feministas na Université de Montréal e prepara atualmente um livro sobre a história da maternidade no Québec no século XX.

Tradução: Tania Navarro Swain (Universidade de Brasília).

mostrar que haviam exercido outros papéis que os de mãe e dona de casa, ressaltando sua participação no mercado capitalista do trabalho, sua implicação nas lutas sindicais ou ainda seus combates feministas<sup>1</sup>.

Este viés da história das mulheres atingiu porém, rapidamente, seus limites, pois não considerava senão a minoria que exercera uma atividade fora do lar, rejeitando para fora da história todas as que jamais haviam tido um trabalho remunerado ou que não haviam militado. Diante desta constatação, as historiadoras iniciaram uma crítica epistemológica de sua disciplina que deveria conduzi-las à contestar a visão da história tradicional, limitada aos “grandes” eventos políticos ou econômicos. Mais especificamente, insistiram sobre a necessidade de levar em conta a esfera privada, ou seja, a família e as relações que se estabeleciam entre as duas esferas (pública e privada) para atingir uma verdadeira compreensão do passado<sup>2</sup>.

A conceituação das atividades domésticas das mulheres como uma forma de trabalho – incluindo-se a maternidade e a *maternagem*<sup>3</sup> – que se impôs à mesma época, iria permitir a “desnaturalização” dos papéis de mãe e dona-de-casa e assim constituir os em objeto histórico, da mesma forma que o trabalho assalariado.<sup>4</sup> Mais do que um processo biológico ou um fato demográfico, a maternidade foi, a partir deste momento, apreendida como um construto social modelado pelos discursos, crenças e práticas, campo a explorar.

Assim, a maior parte dos trabalhos em história das mulheres no Ocidente abriu um espaço importante a este aspecto da vida das mulheres. Mesmo as pesquisas que não se debruçavam especificamente sobre as questões ligadas à maternidade, a ela se referiam na interpretação dos fenômenos observados. Com efeito, torna-se difícil abstrair a realidade concreta da maternidade ou das ideologias visando promover este papel feminino com a exclusão de qualquer outro, pois a maternidade foi (e ainda o é com frequência) estreitamente ligada ao feminino, confundindo-se ambos muitas vezes; desta forma, condiciona o destino coletivo e individual das mulheres, mesmo quando não eram mães.

A identificação das mulheres ao papel social materno e à *maternagem* determinou, entre outros fatores, a socialização e a escolarização de todas as

mulheres, assim como serviu, durante muito tempo, de pretexto para recusar-lhes a cidadania política, interditar-lhes o exercício de certas profissões e manter um conjunto de práticas que as discriminava em todos os níveis da vida social.

De modo geral, a produção das historiadoras francófonas do Québec debruçou-se igualmente sobre as novas interrogações a respeito da maternidade e da *maternagem*, bem como sobre as novas interpretações sobre o passado das mulheres que assim surgiram. Pode-se notar, por exemplo, um número substancial de trabalhos referindo-se à socialização e educação das meninas, que apontam para a importância atribuída à sua formação doméstica e à sua preparação para o papel de mãe.<sup>5</sup>

Da mesma forma, o trabalho das mulheres na família foi examinado pelo viés de entrevistas ou autobiografias, o que permitiu mostrar a maternidade vivida no quotidiano e o condicionamento assim criado quanto à participação no mercado de empregos ou sua contribuição à economia familiar.<sup>6</sup>

O principal interesse destas pesquisas, visto em seu conjunto, é sem dúvida sublinhar que o ideal da “esposa-mãe- dona-de-casa”, proposto às meninas, era raramente atingido, pelo menos no que diz respeito às mulheres da classe operária. Neste caso, o trabalho na fábrica muitas vezes atrapalhava seu aprendizado dos trabalhos domésticos e da *maternagem* durante a adolescência, mas uma vez casadas, suas responsabilidades maternas não as dispensavam de contribuir financeiramente às necessidades do casal, mesmo se na maioria dos casos seu trabalho remunerado era feito em casa, combinando assim os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos.

As historiadoras interessadas pelo desenvolvimento das profissões “femininas”, principalmente no domínio da educação e da saúde, sublinharam, por sua vez, as analogias entre o papel materno das mulheres na família e as qualidades exigidas pelas candidatas que se destinavam ao ensino ou à enfermagem.<sup>7</sup> Durante longo tempo consideradas como “vocação”, estas profissões femininas, centradas sobre os cuidados com crianças e doentes, eram consideradas perfeitamente adaptadas às mulheres pela sua tendência “inata” à compaixão, à dedicação pelos mais fracos, ou seja, sua capacidade de *maternagem*.

Esta atitude feminina, “naturalmente” presente em todas as mulheres, não poderia ser valorizada no mesmo nível das competências masculinas, adquiridas, e que serviram para justificar toda uma série de práticas discriminatórias. A hierarquia sexual, observada nos setores da educação e da saúde, em particular a concentração das mulheres no ensino primário ou em profissões paramédicas, o status e o grau de autonomia ligados às profissões ditas femininas, assim com as diferenças salariais, foram associados à essencialização das mulheres e a seu papel materno.

As pesquisas no Québec, que se interessaram pelos discursos e práticas envolvendo a maternidade ou à articulação do trabalho doméstico e assalariado das mulheres, aproximaram-se em vários pontos daquelas realizadas no Canadá inglês, Estados Unidos, Inglaterra e França.<sup>8</sup> Considerando-se as questões levantadas, as hipóteses avançadas ou as principais conclusões destes trabalhos, pode-se constatar laços e similaridades evidentes.

O mesmo pode-se dizer no que se refere ao estudo das relações da mulheres e os médicos, um tema incontornável, tendo em vista a influência destes últimos sobre o processo de gravidez e parto e do papel que exerceram na construção social da maternidade. No Québec ou alhures, as historiadoras procuraram, em primeiro lugar, compreender como o corpo médico conseguiu se misturar no universo feminino do nascimento até dominá-lo quase totalmente. Mais especificamente, examinaram as estratégias dos médicos que conduziram à eliminar ou minimizar o papel das parteiras e a aumentar a medicalização da gravidez, culminando com a hospitalização das parturientes.<sup>9</sup>

Neste sentido, nota-se uma defasagem no tempo entre o Québec e as outras regiões urbanas dos Estados Unidos e Canadá. Enquanto na maior parte dos grandes centros do resto da América do Norte as mulheres davam à luz no hospital em grande número, nos anos 1920, em Montréal, por exemplo, é somente a partir dos anos 1940 que a maioria das mães começou a ter seus filhos nesta instituição.<sup>10</sup> Apesar desta distância de cerca de 20 anos, sem dúvida atribuída ao baixo nível de renda das famílias em Montreal e à insuficiência das infra-estruturas hospitalares, os médicos do Québec revelaram-se tão insistentes quanto seus colegas de Ontário ou americanos, no sentido de impor suas técnicas e seus saberes, excluindo quaisquer outros.

As historiadoras que se debruçaram sobre o estudo das relações mulheres/médicos no Québec descobriram que, como em outros lugares no Ocidente, os médicos, sob o pretexto de seu conhecimento a respeito do corpo das mulheres e da fisiologia da gravidez e do parto, promoveram-se *experts* da “natureza feminina” e concederam-se o direito de se pronunciar sobre questões sociopolíticas, como o acesso das mulheres ao voto ou em relação aos métodos de contracepção mais seguros, com os quais estavam em desacordo.<sup>11</sup> Nota-se entretanto, que os estudos no Québec sobre o controle dos nascimentos referiram-se mais especialmente à virulenta oposição da Igreja que à dos médicos.

Sem dúvida pela influência que as autoridades religiosas exerciam sobre a sociedade no Québec, as pesquisas não mostraram lutas abertas e organizadas por grupos de mulheres. pela legalização e difusão de métodos de contracepção, como aconteceu em outras partes no Ocidente e também não detectaram a presença de uma corrente eugenista, que em certas ocasiões, serviu de motor à promoção dos métodos contraceptivos no Canadá inglês, nos Estados Unidos e Europa.<sup>12</sup>

Como mostram as numerosas pesquisas feitas nestes países, o discurso médico foi particularmente prolixo no que diz respeito aos tratamentos destinados às crianças. No início do século XX, com efeito, os médicos foram as figuras dominantes no interior dos grupos de reformadores sociais que buscavam diminuir a mortalidade infantil nas grandes cidades dos países industrializados. Apoiando-se nas mais recentes descobertas em microbiologia e em bacteriologia, iniciaram uma verdadeira cruzada em favor do aleitamento materno e participaram ativamente na instalação de clínicas de puericultura e na difusão de conselhos visando a educação das mães.<sup>13</sup>

Este interesse dos médicos pela saúde dos bebês foi objeto de vários debates na historiografia feminista em escala ocidental, enquanto que no Québec, começava-se apenas a estudar o desenvolvimento das ciências sócio-sanitárias dedicadas à primeira infância.<sup>14</sup> As campanhas de luta contra a mortalidade infantil levantaram, entretanto, questões fundamentais quanto à construção social da maternidade, pois, através da luta para assegurar a sobrevivência dos bebês, é o conjunto das responsabilidades maternas que os reformistas e as autoridades médicas procuram redefinir.

A “boa mãe” torna-se, então, aquela que se preocupava pela saúde das crianças e que aceitava abandonar os métodos e receitas tradicionais no tratamento das crianças, para seguir as diretivas de um médico ou enfermeiro, agindo sob suas ordens. O aumento do número de consultas médicas feitas pelas mães, para ela mesmas ou para seus recém-nascidos foi primeiramente interpretado como manifestação de poder dos médicos sobre as mulheres; mais tarde, porém, foi analisado em uma perspectiva mais dinâmica .

Numerosas historiadoras, com efeito, sublinharam que a medicalização da pequena infância, assim como da gravidez e do parto, não poderia ter sido feita sem o consentimento das mulheres e que estas não se submeteram passivamente às diretivas dos médicos. Assim, recusaram certas recomendações, como testemunha a recorrência do discurso sobre o aleitamento materno e às vezes mesmo reclamavam mais serviços médicos que estes poderiam lhes fornecer. Os perigos que representavam a gravidez e o parto para as mulheres e os riscos bem reais que corriam os recém-nascidos eram motivos bem suficientes para aceitar a intervenção dos *experts* e mesmo alimentar certas reivindicações, principalmente quanto à gratuidade dos serviços médicos.

Os trabalhos das historiadoras, americanas e europeias em particular, mostraram igualmente que os grupos de mulheres, formados no início do século, muitas vezes originaram os movimentos em favor do bem-estar da infância, tanto na luta contra a mortalidade infantil, quanto para a adoção de leis e medidas sociais visando, por exemplo, atribuir pensões às mães sós. No caso da luta contra a mortalidade infantil, foi geralmente o benevolato feminino que estabeleceu centros de distribuição de leite sadio, transformados em seguida em clínicas de puericultura sob a direção dos médicos.

No que concerne a elaboração de políticas sociais, estas pesquisas mostraram que as mulheres foram muitas vezes as primeiras a identificar as necessidades das mães e das crianças em matéria de bem-estar e de assistência; tentaram a elas responder multiplicando as obras filantrópicas, antes de reclamar a ajuda do Estado. Para tanto, as mulheres invocaram sua capacidade maternal, para justificar suas atividades e reivindicações.

O recurso a este tipo de argumento, por parte das militantes, mui-

tas vezes as mesmas que lutaram em seguida pela obtenção do direito de voto, levantou um importante debate quanto à natureza do feminismo do início do século, qualificado por muitas de maternalismo.<sup>15</sup>

A ação destes grupos de mulheres, em escala ocidental, traz igualmente questões importantes quanto à relação entre as mulheres e o Estado e seu papel no nascimento do Estado-providência; neste aspecto, as historiadoras do Québec pouco tem contribuído.<sup>16</sup> É verdade que o Estado do Québec mostrou-se muito menos empenhado em adotar políticas visando apoiar as mães e seus filhos. Assim, enquanto na maior parte dos países industrializados, as mães foram beneficiadas por pensões, desde as primeiras décadas do século XX, as quebequenses esperaram até 1936 para que o governo provincial instalasse um programa dirigido às mães carentes, o menos generoso de toda a América do Norte.<sup>17</sup>

A predominância no Québec de estruturas filantrópicas confessionais e sobretudo a importante presença das comunidades religiosas de mulheres, no campo da assistência pública, levaram as historiadoras desta província a se debruçar sobre as atividades destas comunidades e sobre o trabalho gratuito que seus membros forneceram à coletividade.

As religiosas, com efeito, encarregaram-se do ensino para meninas, das instituições hospitalares e asilares e em particular creches, orfanatos e maternidades para mães solteiras e estas atividades suscitaram um número importante de trabalhos e toda uma série de interpretações divergentes, sobre a natureza e a significação do fenômeno das vocações religiosas.

A entrada na religião foi assim interpretada como uma recusa da maternidade biológica e portanto como uma forma “desviante” de feminismo, que teria sobrevivido até o período da história do Québec, conhecido pelos historiadores como “Revolução tranqüila” e que corresponde aos anos 1960, ou seja, o momento em que a sociedade estaria pronta para aceitar que as mulheres recusassem a maternidade e escolhessem uma carreira.<sup>18</sup>

Inversamente, aventou-se que diferentes fatores, tanto econômicos quanto espirituais e sociais, teriam contribuído para a explosão do número de comunidades femininas no fim do século XIX e início do século XX e que a

presença das religiosas teria retardado a eclosão de um feminismo militante no Québec, pois as comunidades permitiam justamente às mulheres seguir uma carreira, sem ter que lutar para obter este direito.<sup>19</sup>

Enfim, interpretou-se igualmente a forte presença das religiosas no Québec como uma manifestação da apropriação do corpo e do trabalho das mulheres por uma instituição patriarcal, a Igreja, que foi suficientemente poderosa para exercer uma forte punção sobre a população feminina.<sup>20</sup> Mas é inegável o papel fundamental exercido pelas religiosas na recuperação de crianças abandonadas, delinqüentes ou aleijadas e seria difícil silenciar sua ação, mesmo que neste caso, se falasse então de maternidade espiritual.<sup>21</sup> Com efeito, em nenhum lugar da América do Norte encontramos o equivalente destas instituições privadas, inteiramente dirigidas por mulheres e que assumiram durante tanto tempo uma parte tão importante do fardo social e financeiro ligado ao cuidado dos seres dependentes em geral e das crianças em particular.<sup>22</sup>

Em contraste, no Canadá inglês, os orfanatos passaram rapidamente sob a tutela dos conselhos de administração masculinos, antes de ser substituídos, já nas primeiras décadas do século XX, por um sistema de lares de acolha, supervisionados por trabalhadoras sociais e pelo Estado.<sup>23</sup>

A maternidade fora da norma, isto é, fora do casamento, interessou também e vivamente as historiadoras do Québec. Suas pesquisas indicaram que, como se produziu nas sociedades em via de industrialização, as “mães solteiras” beneficiaram-se de uma certa tolerância e do apoio das famílias e das comunidades até a segunda metade do século XIX, o que aparece nos recursos em justiça, bastante freqüentes, a fim de obter o suporte financeiro do pai suposto.<sup>24</sup> Apenas com a proximidade do século XX a gravidez fora do casamento tornou-se causa de escândalo e vergonha e a responsabilidade foi inteiramente jogada sobre as mulheres. Isto levou à criação de maternidades especializadas, onde as “mães solteiras” eram acolhidas para esconder sua gravidez e ter seus filhos em segredo.<sup>25</sup>

No Québec, foram as religiosas que se ocuparam destas instituições, cuja existência perdurou até os anos 1960, ou seja, bem depois que haviam desaparecido do Canadá inglês e dos Estados Unidos. Os estudos

quebequenses sobre esta questão mostram também que, comparativamente ao resto da América do Norte, as mães celibatárias continuaram, por longo tempo, sendo consideradas como mulheres decaídas, das quais era necessário salvar as almas, mais do que um problema social a ser remediado. O desenvolvimento tardio da profissão de assistente social e o grande contingente de religiosas no interior deste grupo, ao menos em seu início, são fatores que explicam esta diferença de atitude, perceptível já nos anos 1920.<sup>26</sup>

As pesquisas sobre a maternidade não podiam ignorar, evidentemente, um dos fenômenos maiores que marcou os dois últimos séculos: a queda da natalidade. Mas enquanto nas outras historiografias nacionais levou-se em conta esta baixa e tentou-se buscar as causas, determinando o momento a partir do qual se inicia, além de ver em que classe social manifestou-se em primeiro lugar, no Québec a historiografia feminista tentou, sobretudo, mostrar que as mães de família do Canadá francês haviam tentado diminuir o tamanho de suas famílias, apesar das interdições religiosas.

Rejeitando o mito da “vingança dos berços”<sup>27</sup>, as historiadoras observaram que o fenômeno das famílias numerosas, associado durante longo tempo ao conjunto das famílias quebequenses, sobreviveu sobretudo nas regiões rurais, onde dominava uma agricultura de subsistência, necessitando muita mão de obra familiar.<sup>28</sup>

Em outros termos, se mais canadenses francesas que inglesas tiveram uma numerosa prole, em particular no início do século XX, isto seria devido menos às pressões exercidas pela Igreja sobre as mulheres, que pela presença de um tipo particular de agricultura que existiu no Québec por um período maior que no restante do Canadá. Este debate ainda não foi fechado, como testemunham as publicações recentes que insistem novamente sobre as diferenças importantes entre as taxas de natalidade do Québec e de outros países do Ocidente, sobretudo no período de 1861–1921 e sugerem novas interpretações do fenômeno.<sup>29</sup>

Entretanto, parece atualmente haver consenso que um número não negligenciável de quebequenses tentaram limitar o tamanho de sua família, recorrendo à métodos pouco eficazes e ressentindo uma forte culpabilidade.<sup>30</sup> Em seu conjunto, estas pesquisas permitem uma certa

relativização da imagem da mãe fecunda no Québec, mostram igualmente que a maternidade não se deixa perceber unicamente pelas estatísticas da natalidade ou da fecundidade.

Como sublinharam muitas historiadoras, estas cifras não dizem nada sobre a angústia das mulheres diante da possibilidade de uma gravidez indesejada, de abortos que vivenciaram ou da carga de trabalho que implicava criar uma família numerosa. Não nos indicam nada igualmente sobre as trocas de crianças no seio das relações de parentesco, quando morria a mãe, por exemplo, ou da partilha da maternidade entre as mulheres casadas e as religiosas.<sup>31</sup>

Este breve apanhado das diferentes dimensões da pesquisa histórica sobre a maternidade permite constatar que sobre um plano geral, as historiadoras do Québec exploraram os mesmos temas que suas colegas americanas ou européias.

As similitudes levam a dois fenômenos: por um lado, à constituição de uma comunidade de historiadoras, em escala ocidental, cujas trocas intelectuais ultrapassam largamente as fronteiras nacionais e lingüísticas; por outro, à constatação que suas sociedades respectivas reservaram às mulheres um destino mais ou menos idêntico, o que suscitou interrogações semelhantes em relação à maternidade, assim como sobre outras questões.

A historiografia do Québec se distingue, porém, por conceder uma grande importância à Igreja católica: o papel crucial que esta instituição desempenhou nas definições das normas de comportamento para as mulheres, assim como a predominância das comunidades religiosas femininas no campo da assistência social até os anos 1960, pode, de fato, dificilmente ser ignorado.

Esta atenção prestada à Igreja pelas historiadoras provém, também, de um desejo de desmistificar esta instituição, que exerceu um forte poder sobre o Québec a partir da segunda metade do século XIX até os anos 1960, graças ao controle que exercia sobre a rede de educação e de assistência social e a seu poder ideológico.

De fato, a Igreja católica no Québec dizia-se preocupada com a defesa do povo canadense francês, ameaçado de assimilação à maioria

anglo-protestante e se dedicou, durante mais de 100 anos, a auxiliar os francófonos na preservação dos valores religiosos, considerados como fundamento da identidade nacional. Por sua ação, conseguiu retardar a constituição de um Estado-providência no Québec e aos olhos de vários historiadores, entrou a entrada desta província canadense na “modernidade”.

Desta forma, tentando delimitar a influência da Igreja em matéria de contraceção, por exemplo, ou reinterpretando o sentido das vocações religiosas femininas, as historiadoras do Québec contribuem a alimentar os debates em torno de questões historiográficas muito mais amplas.

## NOTAS

<sup>1</sup> Quanto ao Québec, ver o trabalho coletivo sob a direção de Marie Lavigne & Yolande Pinard. *Les femmes dans la société québécoise*, Montréal, Boréal, 1977. Em relação ao Canadá de língua inglesa Alison Prentice & Susan Mann Rofimenkoff. (dir.), *The Neglected Majority: Essays in Canadian Women's History*, Toronto, McClelland and Stewart, vol. I, 1977.

<sup>2</sup> Ver, para esta abordagem: Arlette Farge. «L'histoire ébruitée», in Dufrancatel, Christiane et alii, *L'histoire sans qualités*, Paris, Éditions Galilée, 1979, pp. 13-40; Michelle Perrot. *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Paris, Rivages, 1984; Joan Kelly. «The Doubled Vision of Feminist Theory», *Feminist Studies*, vol. 5, n.º 1 (printemps 1979): 216-227 e «The Social Relations of the Sexes; Methodological Implication of Women's History», *Sign*, vol.1, no 4 (1976): 809-823; Elizabeth Fox-Genovese. «Placing Women's History in History», *New Left Review*, 133, mai-jun. 1982.

<sup>3</sup> Tradução livre de *maternage*, ou seja, o cuidado com as crianças e por extensão, com os outros.

<sup>4</sup> Existe um vasto conjunto de textos sobre esta questão. A socióloga francesa Christine Delphy sem dúvida marcou os debates elaborando uma definição do trabalho doméstico em «Travail ménager ou travail domestique?», in Michel Andrée, *Les femmes dans la société marchande*, Paris, Presses universitaires de France, 1978, pp. 39-54; e em «Agriculture et travail domestique; la réponse de la

bergère à Engels», *Nouvelles questions féministes*, n.º 5 (printemps 1983): 3-16. Para um estudo sociológico e histórico do trabalho doméstico no Québec, ver Louise Vandelac et alii. *Du travail et de l'amour, les dessous de la production domestique*, Montréal, Éditions Saint-Martin, 1985. Quanto à história do trabalho doméstico no Canadá inglês, ver Veronica Strong-Boag. «Keeping House in God's Country: Canadian Women at Work in the Home», dans Craig Heron; Robert Storey; Robert (dir.). *On the Job. Confronting the Labour Process in Canada*, Montréal, McGill-Queen's University Press, 1986, pp. 124-151.

<sup>5</sup> Ver, entre outros, Micheline Dumont & Nadia Fahmy-Eid. *Les Couventines. L'éducation des filles dans les congrégations religieuses enseignantes 1840-1960*, Montréal, Boréal Express, 1986; Nicole Thivierge, *Écoles ménagères et instituts familiaux: un modèle féminin traditionnel*, Québec, IQRC, 1982; Nadia Fahmy-Eid & Micheline Dumont. *Maîtresses de maison, maîtresses d'école: femmes, familles et éducation dans l'histoire du Québec*. Montréal: Boréal, 1983.

<sup>6</sup> A este respeito, por exemplo, ver Geneviève Auger & Raymon de Lamothe. *De la poêle à frir à la ligne de feu. La vie quotidienne des québécoises pendant la guerre 39-45*. Montréal, Boréal Express, 1981; Denyse Baillargeon. *Ménagères au temps de la crise*. Montréal, Éditions du remue-ménage, 1991. Denise Lemieux & Lucie Mercier. *Les femmes au tournant du siècle: 1880-1940. Ages de la vie, maternité et quotidien*, Québec, IQRC, 1989; Bettina Bradbury. *Familles ouvrières à Montréal. Age, genre et survie quotidienne dans une ville en voie d'industrialisation*, Montréal, Boréal, 1995.

<sup>7</sup> Johanne Daigle. «Devenir infirmière — les modalités d'expression d'une culture soignante au XXe siècle», *Recherche Féministe*, vol. 4, no 1 (1991): 67-86; Marta Danylewycz et alii. «The Evolution of the Sexual Division of Labour in Teaching: A Nineteenth Century Ontario and Quebec Case Study» *Histoire sociale / Social History*, vol. 16, no 31 (Mai 1983): 81-109; Nadia Fahmy-Eid et alii. *Femmes, santé et professions. Histoire des diététistes et des physiothérapeutes au Québec et en Ontario 1930-1980*, Montréal, Fides, 1997.

<sup>8</sup> Ver por exemplo, Louise Tilly A. & Joan Wallach Scott. *Les femmes, le travail et la famille*. Paris, Rivages, 1984. Na Inglaterra Jane Lewis (dir.). *Labour and Love: Women's Experience of Home and Family, 1850-1940*. Oxford, New York, Blackwell, 1986; Elizabeth Roberts. *A Woman's Place. An Oral History of Working-Class Women, 1850-1940*, Oxford, Basil Blackwell, 1984. Quanto aos Estados Unidos, Tamara Hareven. *Family Time and Industrial Time*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982. No Canadá inglês: Meg Luxton. *More Than a Labour of Love; Three*

*Generations of Women's Work in the Home*, Toronto, Women's Educational Press, 1981; Joy Parr. *The Gender of Breadwinners: Women, Men and Change in Two Industrial Towns, 1880-1950*. Toronto, University of Toronto Press, 1990.

<sup>9</sup> Sobre a eliminação das parteiras e a medicalização do parto no Québec, ver Hélène Laforce. *Histoire de la sage-femme dans la région de Québec*, Québec, IQRC, collection Edmond-De-Nevers no 4, 1985. Sobre o mesmo tema, no Canadá inglês: Katherine Arnup et alii. *Delivering Motherhood. Maternal Ideologies and Practices in the 19th and 20th Centuries*, Londres, Routledge, 1990. Nos Estados Unidos, Nancy Schrom Dye. «History of Childbirth in America», *Signs*, 6, 1 (automne 1980): 97-108; Judith Walzer Leavitt. *Brought to Bed: Child-Bearing in America.*, New York, Oxford University Press, 1986; Richard W Wertz & Dorothy Wertz. *Lying-In; A History of Childbirth in America*. Fress Press, 1977. Quanto à França, Françoise Thébaud. *Quand nos grands-mères donnaient la vie: la maternité en France dans l'entre-deux-guerres*, Lyon, Presses universitaires de Lyon, 1986.

<sup>10</sup> Cerca de 36,9% dos nascimentos ocorriam em um hospital nos Estados Unidos em 1935, contra 32,3% no Canadá e 10,5% no Québec. Em 1940, esta proporção havia subido para 55,8% nos Estados Unidos, contra 45,3% no conjunto de todo o Canadá e somente 15,6% no Québec (Francine Laurendeau. «La médicalisation de l'accouchement», *Recherches Sociographiques*, vol XXIV, n° 2 (mai-août 1983): 205.

<sup>11</sup> A respeito do discurso médico sobre as mulheres, além das obras mencionadas na nota 8, ver igualmente Wendy Mitchinson. *The Nature of Their Bodies: Women and Their Doctors in Victorian Canada*, Toronto, University of Toronto Press, 1991; Yvonne Knibielher & Catherine Fouquet. *La femme et les médecins, Analyse historique*, Paris, Hachette, 1983; Quanto ao Québec, ver especialmente Andrée Lévesque. *La norme et les déviantes. Des femmes au Québec pendant l'entre-deux-guerres*, Montréal, Éditions du remue-ménage, 1989.

<sup>12</sup> No que diz respeito à luta pelo controle dos nascimentos no Canadá inglês, ver Angus McLaren & Arlene Tigar McLaren. *The Bedroom and the State. The Changing Practices and Politics of Contraception and Abortion in Canada, 1880-1980*, Toronto, McClelland and Stewart, 1986; Dianne Dodd. «The Hamilton Birth Control Clinic of the 1930s», *Ontario History*, vol.75, no 1 (mars 1983): 71-86. Sobre o movimento eugenista, ver Angus McLaren. *Our Own Master Race: Eugenics in Canada, 1885-1945*, Toronto, McLelland and Stewart, 1990. Quanto aos Estados Unidos, consultar Linda, *Women's Body, Women's Right: A Social History of Birth Control in America*, New York, Grossman, 1976. Na historiografia inglesa: Diana

Gittins. *Fair Sex. Family Size and Structure, 1900-1939*, Londres, Hutchinson, 1982.

<sup>13</sup> A respeito da luta contra a mortalidade infantil e do papel dos médicos, ver Jane Lewis. *The Politics of Motherhood. Child and Maternal Welfare in England, 1900-1939*, Montréal, McGill-Queen's University Press, 1980; Dianne Dodd. «Advice to Parents: The Blue Books, Helen MacMurchy, MD, and the Federal Department of Health, 1920-34», *Canadian Bulletin of Medical History/Bulletin Canadien d'histoire de la médecine (CBMH/ BCHM)*, vol. 8, no 2 (hiver 1991): 203-230; Katherine Arnup. *Education for Motherhood. Advice for Mothers in Twentieth-Century Canada*, Toronto, University of Toronto Press, 1994; Cynthia R. Comacchio. *Nations are Built of Babies. Saving Ontario's Mothers and Children 1900-1940*, Montréal et Kingston, McGill-Queen's University Press, 1993.

<sup>14</sup> Ver Denyse Baillargeon. «Fréquenter les «Gouttes de lait». L'expérience des mères montréalaises, 1910-1965», *Revue d'histoire de l'Amérique française*, vol. 50, no 1 (été 1996) : 29-67 e «Care of Mothers and Infants in Montreal Between the Wars: The Visiting Nurses of the Metropolitan Life, Milk Deposits and Assistance maternelle», in Dodd, Dianne, e Gorham, Deborah (dir). *Caring and Curing, Historical Perspectives on Women and Healing in Canada*, Ottawa, Presses de l'Université d'Ottawa, 1994, pp. 163-182.

<sup>15</sup> Sobre os laços entre a ação reformista dos grupos de mulheres, suas reivindicações, o nascimento do Estado providência e o maternalismo, em uma perspectiva comparativa, ver Seth Koven & Sonya Michel (dir). *Mothers of a New World. Maternalist Politics and the Origins of Welfare States*, New York et Londres, Routledge, 1993; Gisela Bock & Pat Thane (dir). *Maternity and Gender Policies. Women and the Rise of the European Welfare States 1880s-1950s*, Londres et New York, Routledge, 1994 e Susan Pedersen. *Family, Dependence, and the Origins of the Welfare State. Britain and France 1914-1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993. Sobre a situação americana, ver Molly Ladd-Taylor. *Mother Work. Women, Child Welfare, and the State, 1890-1930*, Chicago, University of Illinois Press, 1994.

<sup>16</sup> Com a notável exceção da tese de doutorado de Louise Toupin. «*Mères ou citoyennes? Une critique du discours historique Nord-américain (1960-1990) sur le mouvement féministe (1850-1960)*». Thèse de PhD (Science politique), Université du Québec à Montréal, 1994.

<sup>17</sup> Sobre a Lei das mães carentes, ver Yves Vaillancourt. *L'évolution des politiques sociales au Québec, 1940-1960*. Montréal, Presses de l'Université de Montréal, 1988, pp. 253-304. Para uma síntese quanto às políticas familiares no Québec do século XX

siècle, ver Denyse Baillargeon. «Les politiques familiales au Québec. Une perspective historique», *Lien Social et Politiques (RIAC)*, 16 (automne 1996): 21-32. Sobre as pensões para mães sós no Canadá inglês, ver Veronica Strong-Boag. «Wages for Housework”: Mothers’ Allowances and the Beginnings of Social Security in Canada», *Revue d’études canadiennes/Journal of Canadian Studies*, vol. 14, no 1 (1979): 24-34.

<sup>18</sup> Micheline Dumont. «Vocation religieuse et condition féminine», in Lavigne et Pinard, *Travailleuses et féministes. Op. cit.*, pp. 271-292.

<sup>19</sup> Marta Danylewycz. *Profession: religieuse. Un choix pour les Québécoises 1840-1920*, Montréal, Boréal, 1985.

<sup>20</sup> Danielle Juteau & Nicole Laurin. «From Nuns to Surrogate Mothers: Evolution of the Forms of the Appropriation of Women», *Feminist Issues*, vol. 9, no 1 (printemps 1989): 13-40. Ver também: Nicole Laurin et alii. *A la recherche d’un monde oublié. Les communautés religieuses au Québec de 1900 à 1970*, Montréal, Le Jour éditeur, 1991.

<sup>21</sup> Myriam Spielvogel. «La maternité spirituelle: une analyse des discours sur la vocation religieuse féminine», in *Du privé au politique: la maternité et le travail des femmes comme enjeux des rapports de sexes*, Actes de la section d’Études féministes du congrès de l’ACFAS, 1989, Montréal, GIERF, CRF, UQAM, 1990, pp. 43-55.

<sup>22</sup> Marie-Paule Malouin. *L’univers des enfants en difficulté au Québec entre 1940 et 1960*, Montréal, Bellarmin, 1996; Chantal Collard. «Enfants de Dieu, enfants du péché: anthropologie des crèches québécoises de 1900 à 1960», *Anthropologie et Sociétés*, vol. 12, no 2 (1988): 97-123.

<sup>23</sup> Patricia T. Rooke & R.L. Schnell. «The Rise and Decline of British North American Protestant Orphans’ Homes as Woman’s Domain, 1850-1930», *Atlantis*, vol. 7, no 2 (printemps 1982): 21-35 e *Discarding the Asylum: From Child Rescue to the Welfare State in English Canada, 1800-1950*, New York, University Press of America, 1983.

<sup>24</sup> Marie-Aimée Cliche. «Filles-mères, familles et société sous le Régime français», *Histoire sociale / Social History*, vol. 21, no 41 (mai 1988): 39-70, e «Les filles-mères devant les tribunaux de Québec, 1850-1969», *Recherches sociographiques*, vol. 32, no 1 (janvier-avril 1991): 9-42; Peter Ward. «Unwed Motherhood in Nineteenth-Century English Canada», *Canadian Historical Association Historical Papers*, 1981, pp. 34-36.

<sup>25</sup> Marie-Aimée Cliche. «Morale chrétienne et 'double standard sexuel'. Les filles-mères à l'hôpital de la Miséricorde à Québec, 1874-1972», *Histoire sociale / Social History*, vol. 24, no 47 (mai 1991): 85-125; Andrée Lévesque. «Deviant Anonymous: Single Mothers at the Hôpital Miséricorde in Montréal, 1929-1939», *Historical Papers*, 1984, p. 168-94; Suzanne Morton. «Women on Their Own: Single Mothers in Working-Class Halifax in the 1920's», *Acadiensis*, vol. 21, n° 2 (printemps 1992): 90-107.

<sup>26</sup> No que diz respeito aos cuidados com as «mães solteiras» pelas assistentes sociais, ver, por exemplo Linda Gordon. *Pitied, but not Entitled. Single Mothers and the History of Welfare*, Cambridge, Harvard University Press, 1994; Regina G. Kunzel. *Fallen Women, Problem Girls. Unmarried Mothers and the Professionalization of Social Works, 1890-1945.*, New Haven, Yale University Press, 1993. Sobre o desenvolvimento do trabalho social no Québec, ver Lionel H. Groulx. «De la vocation féminine à l'expertise féministe: essai sur l'évolution du service social au Québec (1939-1990)», *Revue d'histoire de l'Amérique française*, vol. 49, no 3 (hiver 1996): 357-394.

<sup>27</sup> Segundo este mito, as canadenses francesas, em particular as vivendo no Québec, teriam tido famílias muito numerosas, principalmente para evitar que os francófonos fossem assimilados pelos anglófonos, majoritários na totalidade do Canadá. Criando muitos filhos, teriam assim obedecido cegamente às diretivas do clero católico que eram a «avant garde» do movimento antinacionalista do início do século.

<sup>28</sup> Ver Jacques Henripin. «From Acceptance of Nature to Control: The Demography of the French-Canadians Since the Seventeenth Century», in Rioux, Marcel et Martin, Yves, *French-Canadian Society*, vol. 1, McClelland and Stewart, 1964, p. 204-216 e a réplica de Marie Lavigne. «Réflexions féministes autour de la fertilité des Québécoises», in Fahmy-Eid, Nadia & Dumont, Micheline. *Maîtresses de maison, maîtresses d'école*, op. cit., pp. 319-338.

<sup>29</sup> Gérard Bouchard. «La surfécondité des couples québécois depuis le XVIIIe siècle, essai de mesure d'interprétation», *Recherches Sociographiques*, XXXIV, 1 (1993): 9-44. Este artigo pretende ser uma resposta ao texto de Daniel Fournier. «Pourquoi la revanche des berceaux? L'hypothèse de la sociabilité», *Recherches Sociographiques*, XXX, 2, (1989): 171-198. Sobre o tamanho das famílias no século XIX em Montréal, ligado à mortalidade infantil, ver também Patricia Thornton & Sherry Olson. «Family Context of Fertility and Infant Survival in Nineteenth-Century Montréal», *Journal of Family History*, vol.16, no 4 (1991): 401-417.

<sup>30</sup> Denyse Baillargeon. *Ménagères au temps de la crise*, op. cit., e Colette Carisse. *La planification des naissances en milieu canadien-français*, Montréal, Presse de l'Université de Montréal, 1964.

<sup>31</sup> Danielle Gauvreau. «Destins des femmes, destins des mères: images et réalités historiques de la maternité au Québec», *Recherches sociographiques*, vol. 32, n° 3 (1991): 321-46.

#### RESUMO

Este artigo faz um balanço da pesquisa histórica sobre a maternidade no Québec a fim de verificar semelhanças ou disparidades em relação ao Canadá anglófono e aos Estados Unidos. De forma geral, as historiadoras do Québec exploraram os mesmos temas que suas colegas americanas e europeias, mas a historiografia feminista de língua francesa da América do Norte particulariza-se na medida em que concede um amplo lugar à Igreja católica, cujo papel foi preponderante no Québec para a definição das normas de comportamento feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** maternidade, historiografia, feminismo, comportamento feminino.

#### RÉSUMÉ

Cet article trace le bilan de la recherche historique sur la maternité au Québec, afin de voir en quoi elle s'apparente ou se démarque des travaux publiés au Canada anglais et aux États-Unis. Il vise à montrer que sur un plan général, les historiennes québécoises ont exploré les mêmes thèmes que leurs collègues américaines et européennes, mais que l'historiographie féministe francophone de l'Amérique du Nord se démarque néanmoins en ce qu'elle accorde une large place à l'Église catholique, une institution qui a joué un rôle prépondérant au Québec dans la définition des normes de comportements féminins.

**MOTS-CLÉS:** maternité, historiographie, féminisme, comportement féminin.